UNIVERSIDADE FEDERAL DA FRONTEIRA SUL

SAIONARA SOLANGE FRANTZ

UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE ADESÃO AO CULTIVO DA SOJA NO OESTE CATARINENSE ATRAVÉS DO JORNAL DA PRODUÇÃO(1973-1978)

MONOGRAFIA

Chapecó 2019

SAIONARA SOLANGE FRANTZ

UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE ADESÃO AO CULTIVO DA SOJA NO OESTE CATARINENSE ATRAVÉS DO JORNAL DA PRODUÇÃO(1973-1978)

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul, Campus Chapecó como requisito para a obtenção do título de Licenciada em História

Orientador: Dr. Claiton Marcio da Silva

Chapecó 2019

Bibliotecas da Universidade Federal da Fronteira Sul - UFFS

Frantz, Salonara Solange
UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE ADESÃO AO CULTIVO DA SOJA NO OESTE CATARINENSE ATRAVÉS DO JORNAL DA PRODUÇÃO (1973-1978) / Salonara Solange Frantz. -- 2019.
43 f.

Orientador: Dr. Clailton Marcio da Silva.
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal da Fronteira Sul, Curso de História-Licenciatura, Chapecó, SC , 2019.

1. Soja. 2. Oeste Catarinense. 3. História Ambiental. I. Silva, Clailton Marcio da, orient. II. Universidade Federal da Fronteira Sul. III. Título.

Elaborada pelo sistema de Geração Automática de Ficha de Identificação da Obra pela UFFS com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

Saionara Solange Frantz

UMA ANÁLISE DAS ESTRATÉGIAS DE ADESÃO AO CULTIVO DA SOJA NO OESTE CATARINENSE ATRAVÉS DO JORNAL DA PRODUÇÃO (1973-1978)

Trabalho de conclusão de curso apresentado como requisite para a obtenção de grau de Licenciatura em História da Universidade Federal da Fronteira Sul.

Orientador: Prof Dr. Claiton Marcio da Silva.

Este trabalho de Conclusão de Curso foi defendido e aprovado pela banca em 04/12/19

BANCA EXAMINADORA

Dr. Claiton Marcio da Silva
Orientador

Dr. Antônio Inácio Andrioli

Samira P. Moretto
Dra. Samira Moretto

Chapecó

2019

Á Sinaide Staudt Frantz (in memoriam) e Mario Roque Frantz por todo carinho e amor.

AGRADECIMENTOS

Agradeço a todos e todas que direta ou indiretamente estavam envolvidos no desenvolver deste trabalho, assim como no processo da minha formação acadêmica. De maneira especial, agradeço meu pai Mario Roque Frantz, minha irmã, meus irmãos, meu companheiro e a todos meus amigos que, forneceram todos os subsídios para que esse sonho se tornasse possível. Agradeço também, a todos que lutaram pela construção dessa Universidade, possibilitando a minha formação.

Aos professores do curso de Licenciatura em História por estes quatro anos e meio de compartilhamento de aprendizagens. De forma especial, agradeço ao meu professor orientador Dr. Claiton Marcio da Silva que me acompanhou não somente nos anos de desenvolver do Trabalho de Conclusão de Curso, mas sim, desde a terceira fase da graduação, onde foi possível compartilhar textos e discussões que trouxeram como resultado final este trabalho. A professora Dr. Samira Moretto e ao professor Dr. Marlon Brand e em nome destes, todos os membros do Laboratório de História Ambiental.

Aos membros da banca, Dr. Samira Moretto e ao professor Dr. Antônio Inácio Andrioli por aceitarem o convite e pelas contribuições e leitura do trabalho.

A todas as pessoas que desde o início da graduação acompanharam todos os passos para minha formação. Em especial, o professor Me. Everton Bandeira Martins que me acompanhou desde o início da graduação inicialmente no Programa Institucional de Bolsa de Iniciação à Docência- PIBID e, posteriormente, nos estágios obrigatórios. Fostes fundamental na minha formação docente, agradeço por todas as conversas e compartilhamento das experiências em uma das etapas mais importantes da graduação, a prática do ensino de História. Agradeço também, aos colegas e professores da rede estadual de ensino do município de Chapecó que me acompanharam no PIBID. A Escola de Educação Básica Bom Pastor, pelo acolhimento no desenvolver dos quatro estágios obrigatórios. Aos meus colegas de estágio não obrigatório do Centro de Memórias do Oeste Catarinense- CEOM, espaço que tive o prazer de realizar atividades e contato direto com a História do Oeste Catarinense. As minhas colegas da Biblioteca profª Oneida Belusso- UNOCHAPECÓ, por todo o apoio e incentivo.

Aos meus colegas de graduação, aqueles que chegaram comigo até esta última etapa e aqueles que por algum motivo ficaram pelo caminho. A minha dupla Gabriel Hallvass, aos meus amigos: Diego Meotti, Carlos Eduardo Cardoso, Leticia Solivo, Isabel Engler, Janaí Trindade, Abiel Kochenborger e á todas as boas amizades e conversas que foram realizadas nesses anos na Universidade.

In memorian de minha mãe Sinaide Staudt Frantz que, mesmo nos poucos anos de convivência, mostrou a verdadeira força de uma mulher, agricultora. A sua garra e luta até o último dia de sua vida sempre será meu exemplo, mesmo ausente, tenho você comigo todos os dias para me dar forças para seguir.

Espero que o Brasil não continue a perseguir seus sábios e a celebrar suas mediocridades. As mediocridades detestam a ciência e os interesses econômicos estão destruindo o valor e a riqueza do Brasil.

Ruschi In Warren Dean.

Resumo

O trabalho tem por objetivo compreender os modos de persuasão/ convencimento utilizados para com os agricultores do Oeste de Santa Catarina, para os mesmos aderirem ao cultivo da soja, buscando substituir culturas até então predominantes como a do milho e a do trigo. Metodologicamente, faremos uso de uma das características da História Ambiental que, usa uma grande variedade de fontes que são utilizadas para estudar as relações entre as sociedades e o seu ambiente, sejam fontes escritas, orais ou visuais. A análise é feita usando como fonte o Jornal da Produção, nos períodos de 1973 à 1978, período de maior adesão ao cultivo da leguminosa. Com auxílio do jornal, visa-se compreender as formas pelas quais, esse meio de comunicação, representava a soja. Por meio da análise do jornal, é possível compreender quais sujeitos ou grupos tinham interesse na produção da soja, sendo eles engenheiros agrônomos, cooperativas ou políticas do governo que incentivavam o plantio. Como parte do convencimento, foram utilizadas notícias que destacavam a soja como o grão fundamental para trazer o desenvolvimento da região oeste de Santa Catarina, aumentar a produtividade fazendo uso mais adequado do solo. O bom preço e o mercado favorável à exportação, resultaram em uma boa estratégia para a expansão da soja no oeste catarinense nos anos de 1973 a 1978.

Palavras-chave: Soja. Representação. Oeste Catarinense. História Ambiental.

Abstract

This academic work has as its objective to understand the methods of persuasion and convincing utilized to make it so that farmers would adhere to the cultivation of the soya bean, seeking to substitute the, until then, predominant cultures of corn and wheat. Methodologically, we shall make use of one of the characteristics of Ambiental History, which uses a great variety of bibliographical fonts that are utilized to study the relations between societies and their respective environments, be those fonts written, oral or visual. The analysis is made using as a bibliographical font the Jornal da Produção, which circulated in the state of Santa Catarina between the years of 1973 to 1980 and seeked for rural extension. With help from the newspaper, we are looking to understand the ways by which this media made its representation of the soya bean. By the means of analysing the newspaper, it's possible to understand which individuals or groups had interest in the production of the soya bean, being them agronomist engineers, cooperatives or government politics that encouraged the planting. As part of the convincing, news that would feature the soya bean as the fundamental grain to bring development to the western region of Santa Catarina and as a way of increasing the productivity and quality of the soil were used by the newspaper. The good prices and the favorable market for exportation resulted in a good strategy for the expansion of the production of the soya bean in the west of Santa Catarina through the years of 1973 to 1978.

Keywords: Sova bean, Representation, Oeste Catarinense. Ambiental History.

Lista de ilustrações

Figura 1 – Mapa de delimitações das mesorregiões do Estado de Santa Catarina 13

Figura 2- Áreas de estabelecimento da EMBRAPA.....25

Figura 3- Maior produtividade do trabalho do agricultor promoverá um aumento de 2 milhões de toneladas de cereais.....28

Figura- Evolução da produção de soja.....30

Lista de tabelas

Tabela 1- Produção de soja nos anos 1974 e 1975 18

Tabela 2- Soja- Brasil área, produção e rendimento médio no período de 1940/45 a 1984/85 22

Tabela 3-Comparativo entre os resultados nas lavouras demonstrativas e tradicionais.....33

Lista de siglas

ACARESC- Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina
AEASC- Associação de Engenheiros Agrônomos de Santa Catarina
AIA- American International Assicuation for Economic and Social Development
CFP- Comissão de Financiamentos de Produção
CRD- Conselho Regional de Desenvolvimento do Oeste Catarinense
CREAI- Criação de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil
EMBRAPA- Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária
EMBATER- Empresa Brasileira de Extensão Rural
OLESC- Organização das Cooperativas de Santa Catarina
PROCEDER- Empresa de Desenvolvimento dos Cerrados
UFFS- Universidade Federal da Fronteira Sul
UNOCHAPECÓ- Universidade Comunitária da Região de Chapecó

Sumário

1 INTRODUÇÃO 12

2 SOJA NO BRASIL 18

2.1 Principais produtores de soja no Brasil. 22

2.1.1 Uma História da soja no Sul do Brasil..... 24

2.1.1.1 Aumento da produtividade: a inserção da soja transgênica.....29

3 SOJA: ESTRATÉGIAS DE ADESÃO AO CULTIVO DA LEGUMINOSA NO OESTE CATARINENSE..... 31

3.1 A busca do progresso: o desenvolvimento e a produtividade na produção de soja.....32

3.1.1 Dobradinha de ouro: o binômio soja-trigo e a utilização do solo, a soja no combate a fome.....35

3.1.1.1 O mercado está a favor: preço e exportação.....38

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS..... 40

REFERÊNCIAS.....42

FONTE.....43

1 INTRODUÇÃO

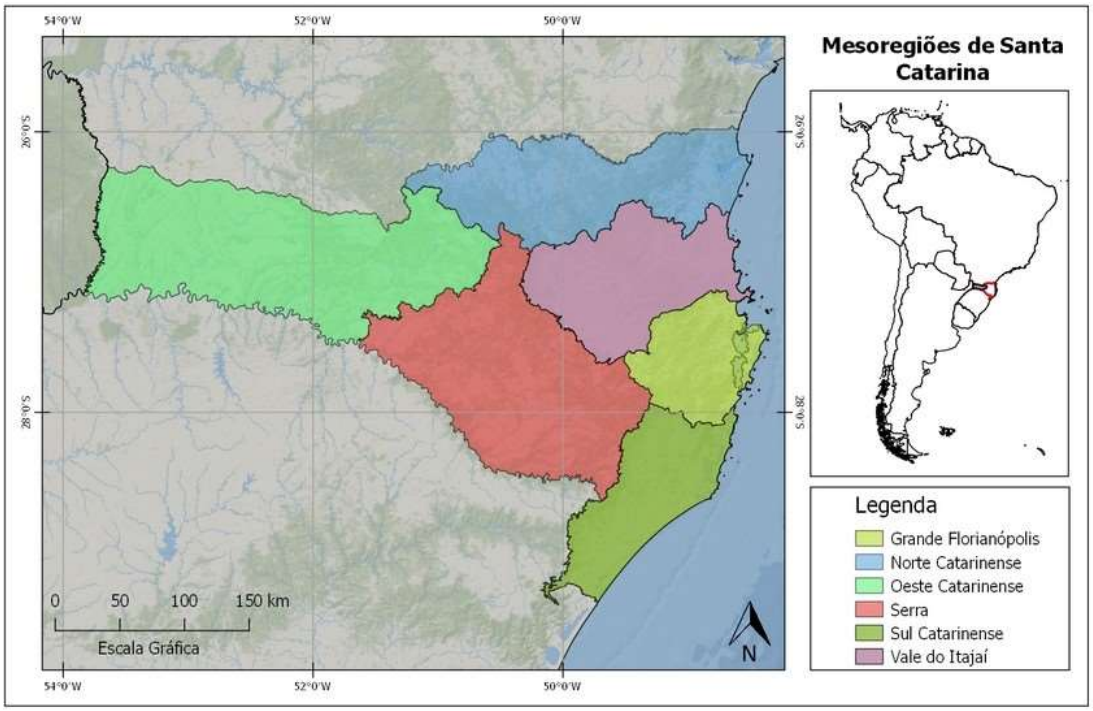
O objetivo desta pesquisa é estudar o processo de inserção da sojicultura no Oeste de Santa Catarina e quais as maneiras de persuasão/convencimento por parte das cooperativas e dos meios de comunicação para com os agricultores, fazendo com que os mesmos aderissem ao cultivo da soja em substituição as culturas que desenvolviam anteriormente. Até meados dos anos de 1970 no oeste de Santa Catarina tem-se a predominância do cultivo do milho e principalmente, do trigo. A partir de 1970 é possível notar na região a inserção e o crescimento do cultivo da soja. Nesse sentido, a pesquisa irá dar destaque aos anos de 1973 á 1978, período o qual, nota-se um aumento na produção da leguminosa.

Busca-se analisar quais foram então, os principais recursos utilizados para o convencimento dos agricultores (fotografias, boletins técnicos ou jornais com imagens, matérias educativas, receitas de alimentação, matérias indicando a rentabilidade da soja, entre outros). Também, quais os grupos/agentes que impulsionaram estas matérias investigando se o interesse no crescimento do cultivo de soja partiu das cooperativas, instituições de extensão rural ou de engenheiros agrônomos. Assim, será possível avaliar aspectos significativos relacionados ao crescimento na produção de soja na região Oeste de Santa Catarina, neste período que corresponde a grande adesão ao cultivo da leguminosa.

A região Oeste de Santa Catarina, é o espaço constituído pelo território do antigo município de Chapecó[1]. De 1917 até 1953, Chapecó possuía um território de 14 mil quilômetros de extensão. Com seu início em Irani, ao sul fazendo divisa com o Rio Grande do Sul, ao norte com o Paraná e a oeste com a província de Missiones, da República Argentina (CARBONERA. 2017, p. 13). Atualmente, a região é demarcada do município de Joaçaba até os limites do Estado com a Argentina, como delimitado no mapa abaixo.

[1] https://cidades.ibge.gov.br/brasil/sc/chapeco/historico.

Figura 1- Mapa Delimitações das Mesorregiões do Estado de Santa Catarina



Fonte: Produzido pela autora.

No Oeste Catarinense a agricultura tradicional era identificada como sendo um modelo atrasado[2] e arcaico[3], como responsável pelo atraso do desenvolvimento nacional. O desenvolvimento do país encontrava-se nos obstáculos que o Brasil agrário impunha ao Brasil do progresso (SILVA, 2001, 65). Para então modificar-se tal modelo, era necessário para além de investir em mecanização e em insumos, "legitimar as vocações da região Oeste como celeiro e do agricultor como o sujeito responsável por este processo"(SILVA, 2001, 69). Uma das alternativas adotadas pelas autoridades locais, foi trazer novos habitantes, sobretudo descendentes de alemães e italianos principalmente do estado vizinho do Rio Grande do Sul, e com esses imigrantes, trouxera-se:

> Uma ideia de trabalho e a expectativa de que este trabalho geraria excedentes a serem comercializados, e com isso o crescimento e o desenvolvimento da região e do país. Esses fatores, ao que parece, influenciaram o comportamento dos camponeses[4] na sua

[2] Claiton Marcio da Silva faz uso do termo modernização pensando em tempo tecnológico. Quando os agricultores não trabalham e não produzem seguindo a lógica do capital que adentra o campo, esses agricultores são caracterizados pelo discurso da ACARESC, como atrasados. Aos que trabalham nessa lógica, são modernos. Acesso em: 06/11/2019. "Modernização da agricultura e a difusão dos clubes 4-s no Oeste Catarinense (1970-5). Cadernos do CEOM ano 15 nº 14 campus Chapecó, dezembro de 2001.

[3] Segundo Claiton Marcio da Silva, o arcaico seria o saber costumeiro. Acesso em: 06/11/2019. "Modernização da agricultura e a difusão dos clubes 4-s no Oeste Catarinense (1970-5). Cadernos do CEOM ano 15 nº 14 campus Chapecó, dezembro de 2001.

[4] Para saber mais sobre a forma de trabalho dos camponeses ler Odilon Luiz Poli, "Camponeses no Oeste

> inserção no novo espaço, nas relações que mantiveram com os outros grupos e no seu desenvolvimento social, econômico e cultural (POLI, 2001, 46).

Buscava-se com estes imigrantes, atender demandas da produção agrícola. O oeste catarinense apresentava-se como "um lugar propício para o desenvolvimento da agricultura, uma importante fonte para o desenvolvimento da nação"(SILVA, 2001, 74; 75). A agricultura era a base do desenvolvimento e os meios para melhor firmar-se é através do uso de técnicas e tecnologias modernas, com o uso de insumos modernos, mecanização do campo conjuntamente com uma mudança de hábito dos agricultores (SILVA, 2001). Assim então, seria consolidado o crescimento desejado da economia catarinense e do país e isso dava-se através de "discursos que procuraram legitimar a agricultura como sendo a base da economia (..) e a região Oeste como Celeiro Catarinense, sendo o campo um lugar privilegiado para propiciar desenvolvimento ao país (uma espécie de mola propulsora) (SILVA, 2001, p. 63).

A partir de 1940, com as famílias dos descendentes de italianos e alemães serão realizadas melhorias na infraestrutura com a abertura de estradas, incentivos à produção, aquisição de locais de armazenamento e outros fatores que, vão proporcionar à região o estabelecimento de um mercado regular para produtos agrícolas. O oeste catarinense passou então a ser caracterizado por uma agricultura voltada à produção de excedentes, estabelecendo um contato com o mercado e organizando então a produção visando as necessidades que o mercado apresentava (POLI, 2001, p. 31). Assim, passaram a existir produtos os quais, sua produção estava diretamente destinada a atender as necessidades do comércio, dentre estes, a soja.

O argumento deste trabalho, demonstra como uma das hipóteses de convencimento dos agricultores para produzirem soja o fato da leguminosa ser viável para a realização da fertilização dos solos. Assim como destacado no Jornal da Produção que tem como manchete: *Santa Catarina Recupera Solos Agrícolas*.

> Em 1972 foram gastos pelos agricultores catarinenses 172 mil toneladas de calcários e 25 mil toneladas de adubos, recuperando a fertilidade de 25 mil hectares de terras. [...] A utilização de calcário e adubo aliada a outras recomendações técnicas como combate a erosão, uso de boa semente, irrigação e drenagem, controle de pragas, doenças e inços, "stad" perfeito e época de semeadura certa proporcionaram altos rendimentos por hectare. [..] Comparando esses dados com os rendimentos médios do Estado, podemos constatar aumentos de 170%, 215% e 115% em relação ao milho, soja e arroz respectivamente, provocados pelo uso de tecnologias recomendadas. [...] Os 30 mil hectares de terras recuperadas em sua fertilidade apresentaram um aumento total de 80.800 toneladas de milho, soja e arroz. [..] A renda líquida total dos agricultores que recuperaram suas terras, mostra que eles estão 14,4 milhões de cruzeiros mais ricos que no início de 1972. [..] É efetivamente o dinheiro a mais que ficou no bolso do

> agricultor e que poderá ser gasto ou em investimentos para aumentar sua empresa rural, ou para lhe proporcionar melhor habitação, vestuário, alimentação, saúde, educação e lazer. [...] É fundamental que o número cada vez maior de agricultores e mais rapidamente sigam esse exemplo para obterem os mesmo resultados, contribuindo dessa forma para a o desenvolvimento do País (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1973, 2).

A rotação de culturas através do binômio Soja-Trigo também é utilizada em noticiários como fonte de recuperação do solo por parte da soja, como destacado na notícia do Jornal da Produção intitulada "Soja quer defender trigo".

> Procurando recuperar o prejuízo sofrido na lavoura do trigo, estimado em 95% da safra esperada, 18 granjeiros de Campo Erê, no noroeste catarinense, plantaram 3.150 hectares com soja onde esperam colher mais de 80.000 sacas. Toda a área vem sendo cultivada dentro da moderna tecnologia (conservação e recuperação do solo, combate as pragas, uso de sementes selecionada (etc.), seguindo a assistência técnica prestada pelo engenheiro agrônomo Bem-Hur Benites Alves, da ACARESC, esses granjeiros construíram 1.500 quilômetros de terraços (para controlar a erosão) e aplicarem 3.600 toneladas de calcário e 660 toneladas de fertilizantes. (..) Parte desses financiamentos, liberados pelo Banco do Estado de Santa Catarina (BESC) e Banco do Brasil, destinou-se á aquisição de 13 tratores de roda, devidamente esquipados com arados, grades niveladoras e outros implementos, além de um trator de esteira e uma automotriz(SOJA. . ., 1973, 6).

Nota-se por exemplo, que se visavam lucros maiores com a rotatividade de culturas, já que caso fosse cultivada uma cultura apenas, esta degradava o solo. Assim, os agricultores buscavam fazer a rotatividade de modo a obter-se melhores resultados na produção agrícola. Os jornais buscavam usar recursos como fotos, figuras ilustrativas, representando as possíveis vantagens do cultivo da soja sobre outras culturas. Faziam também uso de títulos que ressaltavam as possíveis vantagens da soja sobre outros monocultivos, assim como, os lucros que se obtinham com a plantação, para convencer os agricultores a aderirem ao cultivo da leguminosa.

Para desenvolver o trabalho proposto, faz-se necessária a utilização de bibliografias que discutam inicialmente o processo de colonização do Oeste Catarinense, a formação das primeiras atividades agrícolas e como, então, nesse processo, se faz a inserção da soja na região e quais são as modificações ambientais que decorrem devido a isso.

Uma obra que contribuirá no desenvolvimento do trabalho é dos autores Claiton Marcio da Silva; Marlon Brandt e Samira Peruchi Moretto, "*Transformando a paisagem: uma história ambiental de Chapecó*". Os autores vão abordar a temática desde os primeiros habitantes da região, até a chegada dos colonizadores quando, então, se institui as "ideias de progresso e desenvolvimento" e a partir de então nota-se uma mudança significativa na paisagem do Oeste Catarinense com a extração da madeira e, posteriormente, na década de 1950, a instauração das

agroindústrias.

Para compreender o processo de colonização do Oeste Catarinense e quais atividades agrícolas predominavam nos primeiros anos de colonização, Odilon Luiz Poli auxilia com seu texto– *Camponeses no Oeste Catarinene*, para compreender o campesinato no Oeste de Santa Catarina. Claiton Marcio da Silva discute no artigo *Modernização da agricultura e difusão dos clubes 4-s no Oeste Catarinense (1970-75),* o processo de modernização da agricultura no Oeste Catarinense.

Devido as poucas produções que se referem ao cultivo de soja no Oeste de Santa Catarina, umas das formas para se traçar o modelo no qual a soja se insere será a utilização de textos que trabalhem com a inserção de soja em outras regiões como no Estado do Paraná. Para isso, farei uso do texto de Jó Klanovicz; Lucas Mores que é intitulado de: "*A Sojização da agricultura moderna no Paraná, Brasil: Uma questão de História Ambiental*", no qual os autores abordam como o processo de inserção da soja no Paraná, em substituição a outras agriculturas tradicionais, em meio a uma agricultura moderna.

Essa pesquisa se sustenta em uma análise documental utilizando como fonte um jornal de extensão rural, o Jornal da Produção que corresponde aos períodos de 1973 á 1978. A metodologia é a História Ambiental, que nasceu da pesquisa e da escrita de um grupo de diferentes especialidades e temas de estudo. Um diálogo entre as ciências naturais. Uma característica metodológica e analítica da História Ambiental é a grande variedade de fontes pertinentes ao estudo das relações entre as sociedades e o seu ambiente, sejam elas escritas, orais, visuais (DRUMMOND, 1991).

Tania Regina de Luca destaca que na década de 1970, ainda era pequeno o número de trabalhos que se valiam de jornais como fonte para o conhecimento da História no Brasil. Tinha-se uma tradição durante o século XIX e as décadas iniciais do XX, associada ao ideal de buscar-se a verdade dos acontecimentos. O historiador, deveria, portanto, valer-se de fontes marcadas pela objetividade, neutralidade, fidedignidade e credibilidade. Neste contexto, os jornais eram poucos adequados para a recuperação do passado (LUCA. 2008, p. 111, 112).

Com o auxílio do Jornal da Produção, visa-se analisar qual era o discurso utilizado por este periódico para fazer com que os agricultores aderissem ao cultivo de soja. Como, por meio do jornal, foi possível convencer os agricultores da região oeste de Santa Catarina, que seria vantajoso plantar soja, ou como utilizaram destes meios para então convencer que por meio do plantio de soja seria possível utilizar uma nova forma de fertilização do solo, para então, tornar mais rentável o plantio de outras culturas como a do milho ou trigo.

Durante a pesquisa, as fontes serão analisadas de maneira detalhada para se chegar ao ponto final, o que levou os agricultores a aderirem ao cultivo de soja? Assim, a análise será feita buscando primeiramente ver o que está em evidência, qual incentivo se dava para eles aderirem ao plantio de soja e posteriormente, visa-se analisar o que está por detrás do discurso, o que se buscou, quais as intenções dos jornais ou das editoras, ao incentivar os agricultores a aderirem ao cultivo de soja? Quem eram os responsáveis pelos jornais?

Com a pesquisa, pretende-se compreender para além do que levou os agricultores ao plantio da soja, quais políticas de incentivos estavam por de trás destes fomentos ao plantio da mesma, tendo em vista que, têm-se poucas produções que investigam o processo de inserção da soja no Oeste Catarinense, sendo a leguminosa importante produção nessa região e no Brasil que, hoje é o segundo maior produtor[5], ficando atrás apenas dos Estados Unidos da América.

Com a inserção da leguminosa na região Oeste de Santa Catarina notou-se uma maior utilização das tecnologias que substituem o modelo de agricultura familiar[6] que estava em vigência até então, modelo este que, por mais que fosse sustentável economicamente, trouxera consigo consequências ambientais e grandes modificações na paisagem da região Oeste Catarinense. Esta intensificação no plantio de soja, que é marcado na década de 70, justifica o recorte da pesquisa que visa abranger o período de 1973 á 1978, período o qual, nota-se uma expansão na produção, como destacado na revista "A granja" em 1976 p. 50 e representado na tabela abaixo[7]:

Tabela 1 – Produção de soja nos anos de 1974 e 1975.

País	1974	1975
EUA- milho, soja, sorgo e cereais	2.200.000	2.563.000
Inglaterra- cereais e pastagem brassical	17.000	192.000
Austrália- cereais	100.000	135.000
Brasil- soja	10.000	26.000

Fonte: Revista A Granja 1976, p. 50.

[5] Dados da EMBRAPA. Link: https://www.embrapa.br/soja/cultivos/soja1/dados-economicos.
[6] Segundo Antônio Inácio Andrioli, a agricultura familiar alia tanto a propriedade como o trabalho à família. Não reconhece salário e nenhum fim lucrativo no sentido clássico, ela pode ser descrita como uma forma de produção dentro do capitalismo, que, ao mesmo tempo, possui uma grande capacidade resistência e auto exploração [...] (ANDRIOLI. 2017, p. 46).
[7] Expansão do plantio direto em alguns países (total de hectares).

Sendo assim, o presente Trabalho de Conclusão de Curso, está divido em duas partes. A primeira parte que será fundamental para a compreensão do trabalho, é o enfoque sobre o histórico da chegada da soja no Brasil: quando é inserida, porque foi introduzida, em qual época e quais são os resultados da sua chegada no Brasil. Posteriormente, visa-se dar destaque para a região sul do Brasil nos estados do Paraná, Santa Catarina e Rio Grande do Sul, sendo que, estas regiões se destacam por serem grandes produtoras da semente de soja.

Na segunda parte da monografia, será dado destaque para a análise da representação utilizado pelas mídias. Para Roger Chartier, as representações do mundo social, "à revelia dos seus atores sociais, traduzem as suas posições e interesses objetivamente confrontados e que, paralelamente, descrevem a sociedade tal como pensam que ela é, ou como gostariam que fosse"(CHARTIER, 1990, 19). Assim, visa-se analisar como o Jornal da Produção / periódico, tinham por intenção, representar a soja e a sojicultura como uma forma de ascensão social. Dessa forma, a hipótese inicial para o segundo capitulo, aponta para a construção de uma representação sobre a soja a partir de uma relação com a modernidade e a busca por um aumento de renda.

2 SOJA NO BRASIL

No processo de desenvolvimento do setor de grãos no Brasil, se caracterizam duas políticas. A primeira é a criação da Carteira de Crédito Agrícola e Industrial do Banco do Brasil (CREAI), que tratava exclusivamente de questões que estivessem ligadas com financiamentos. Em um segundo momento em 1943, é criada a CFP- Comissão de Financiamento de Produção, que visava tratar das questões que envolvessem a garantia de preços e comercialização, ambas políticas interligadas com medidas de apoio à agricultura americana (COELHO, 2001, 11). Nesse período das décadas de quarenta e cinquenta marcado pela criação destas políticas, praticamente se ignorava o potencial de produção de grãos que o Brasil tinha. No período da Segunda Guerra Mundial, através do Decreto Lei 7.7774, de 24/7/45, foram fixados pelo Presidente da República, para a safra 1945/46, preços mínimos do arroz, feijão, milho, amendoim, soja e semente de girassol. Com o fim da Segunda Guerra Mundial, abriram-se possibilidades de desenvolvimento de países como o Brasil, que não teve sua economia destruída com o conflito e, portanto, poderia ser alvo de políticas mais ousadas.

A modernização da agricultura brasileira no período pós Segunda Guerra Mundial foi

possível com os incentivos dos governos para inovações tecnológicas através da criação de agências nacionais. Além das agências nacionais, os governos firmaram:

> um acordo realizado anos antes, em 1948, pelo governo daquele estado e uma agência Filantrópica (American International Association for Economic and Social Development, a AIA) fundada pelo empresário norte-americano Nelson Rockefeller, serviu de modelo para uma política nacional, pautada principalmente na difusão das inovações da ciência e tecnologia associadas ao crédito supervisionado. Pela primeira vez, um modelo de desenvolvimento rural viria a alcançar todo o território nacional (SILVA, 2017, p.196).

O grupo Rockefeller, patrocinou projetos de pesquisas e experiências com produtos agrícolas em alguns países, dentre estes, o Brasil. Por influência do grupo, no Brasil é criada a Associação de Crédito e Assistência Rural- ASCAR, que visava atender aos produtores, orientando e estimulando-os a implementar novas técnicas de cultivo. Após a criação da ASCAR, são criadas outras organizações em diferentes estados brasileiros, que visavam fornecer crédito aos produtores, apoiando assim, o processo de modernização da agricultura (BRUM, 1988, p. 46).

A agricultura então, passa a ser vista como uma forma de se adequar ao capital e, os agricultores que produzem para sua sobrevivência passam a ser vistos como improdutivos para esse novo modelo que estava se estabelecendo. É nesse sentido que a soja (introduzida nesse contexto) inicialmente fortemente produzida no sul do Brasil, carrega consigo elementos importantes da mecanização, do uso intenso da terra e a forte presença de químicos no meio rural.

Há uma hipótese de que a soja foi introduzida no Brasil em 1882 através dos Estados Unidos, por meio do professor da Escola de Agronomia da Bahia Gustavo Dutra (BONATO; BONATO, 1987, p. 8). Na Bahia, foram efetuados os primeiros estudos com a semente de soja e, posteriormente, anos mais tarde, foram realizadas pesquisas no Estado de São Paulo na Estação Agropecuária de Campinas. Em 1900 a Estação fez as primeiras distribuições de sementes no estado paulista, sendo também, realizados estudos no mesmo ano no Estado do Rio Grande do Sul, região que apresentava condições semelhantes às que eram estabelecidas para o plantio de soja nos Estados Unidos (CUNHA et al., 2015, p. 2).

Internacionalmente, o Brasil começa a aparecer nas estatísticas como produtor de soja em 1949. De acordo com o boletim técnico da EMBRAPA, o maior índice mundial de produção fora registrado em 1985. Nesse ano, no Brasil foram colhidas mais de 18 milhões de toneladas (BONATO; BONATO, 1987). No Brasil, a soja encontrou fatores que ajudaram na

sua expansão e desenvolvimento, dentre os fatores destacados são:

> fácil adaptação das variedades e das técnicas de cultivo oriundas do sul dos Estados Unidos; cultura utilizada em sucessão ao trigo, possibilitando o aproveitamento da mesma área, das máquinas e equipamentos, dos armazéns e da mão-de-obra; política de autossuficiência do trigo, o que possibilitou uma melhor capitalização do produtor; possibilidades de mecanização total da cultura; condições favoráveis de mercado, especialmente do externo; carência de óleos vegetais comestíveis para substituir a gordura animal; desenvolvi- mento rápido do parque de processamento, garantindo a total absorção da matéria-prima; participação de cooperativas nos processos de produção e comercialização; e geração de tecnologias adaptadas às diferentes condições do país, possibilitando ganhos em produtividade e expansão para novas regiões (BONATO; BONATO, 1987b, p.10).

Na década de 1960 no Brasil reformula-se a Política de Preços Mínimos e nos anos que procedem estimula-se a pesquisa agropecuária, por meio da criação da Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária EMBRAPA, a EMBRATER- Empresa Brasileira de Extensão Rural e, já na década de 1970, a criação da PROCEDER, Empresa de Desenvolvimento dos Cerrados (COELHO, 2001, 21) . Essas políticas e Empresas de Pesquisa estavam ligadas a um programa de expansão, modernização e diversificação da produção agrícola (COELHO, 2001, 22).

No sul do Brasil "o agricultor foi altamente motivado a substituir outras culturas pela soja e a expandir suas áreas exploradas em razão das altas cotações da soja no mercado internacional" (BONATO; BONATO, 1987b, 12). De acordo com COELHO, 2001, a soja fora o produto mais beneficiado com a política de empréstimos, isso por ser um produto essencialmente agroindustrial (p. 26). Por isso, em 1970 por exemplo, quando a produção ainda era incipiente, a soja participou com 12,8% do volume total da política de Empréstimos do Governo Federal - EGF, e em 1975, subiu para 55% (p. 27). De acordo com o autor, a expansão da soja se deu devido aos incentivos à produção de trigo, sendo um efeito direto e inesperado dessa produção, isso porque, havia um sistema de rotação entre as duas culturas. Contudo, no início a prioridade para a política agrícola era do trigo e não da soja (COELHO, 2001. p. 31). Com os incentivos a produção de trigo, a soja fora beneficiada devido sua perfeita combinação com a cultura do trigo, desde uma perspectiva técnica até uma perspectiva econômica, a soja é a melhor alternativa de verão para suceder o trigo que é cultivado no inverno. Com os incentivos de aumento da produção de soja que são possibilitados por meio dos créditos e empréstimos, tem-se um incentivo à criação de cooperativas.

Os maiores indícios de participação da soja na produção do país podem ser notados nos anos da década de 1970 como pode ser observado na tabela 2.

Tabela 2 – SOJA-BRASIL, Área, produção e rendimento médio no período de 1940/41 a 1984/85.

Safra	Área (ha)	Produção (t)	Rendimento médio (kg/ha)
1940/41	702	457	651
1945/46	4.019	3.191	794
1950/51	48.130	61.447	1.277
1960/61	240.919	271.488	1.127
1965/66	490.687	594.975	1.213
1971/72	2.191.454	3.223.965	1.471
1972/73	3.615.247	5.011.614	1.386
1973/74	5.143.367	7.876.527	1.531
1974/75	5.824.492	9.893.008	1.699
1975/76	6.417.000	11.227.123	1.749
1980/81	8.501.169	15.007.367	1.765

Fonte: IBGE: (anuário estatístico do Brasil, 1952/1985 apud boletim técnico da EMBRAPA).

No boletim técnico apresentado pela EMBRAPA que corresponde a safra de 1940/41 a 1984/85, pode se observar que a produção da leguminosa cresce significativamente nos anos de 1970/71 e, nos anos que seguem, até a colheita de 1979/80. Da safra de 1970/71 em diante, pode se notar que a produção cresce anualmente e inclusive nas colheitas de 1976/77 atinge uma produção de 12.513.406 toneladas um aumento de cerca de 10. 499. 115 toneladas comparadas ao ano de 1970.

2.1 Principais produtores de soja no Brasil

Até os anos de 1960 a soja não representava grande importância para o mercado brasileiro quando comparada a produção de trigo e de milho. A partir de 1960 e principalmente em 1970, tem-se um aumento das áreas plantadas e um incremento a produtividade, com isso, o trigo cedeu o lugar a soja como cultura mais importante do sistema produtivo regional (EMBRAPA, 2013, 15). A maior porcentagem da produção estava concentrada nos três estados da região sul do Brasil. Por mais que hoje a leguminosa possa ser vista como produto responsável pela ocupação econômica dos cerrados, no Sul do Brasil a soja ainda é produzida em alta escala, sendo que a Região Sul (que compreende os estados do Rio Grande do Sul, Santa Catarina, Paraná e São Paulo) é chamada de região tradicional (COELHO, 2001, 31).

No Rio Grande do Sul, a produção comercial de soja começou na região de Santa Rosa, fronteira Noroeste. O interesse dos agricultores no binômio trigo-soja, fomentou o aumento de pesquisas para gerar novas tecnologias e sistemas mais adequados para o binômio. Fato que motivou as indústrias para melhorar as máquinas agrícolas como as semeadeiras, adubadeiras e colheitadeiras. Assim, em pouco tempo a soja despontou no mercado gaúcho como principal produção a ponto de na safra de 1978/79 representar quatro milhões de hectares cultivados (BONATO; BONATO, 1987, p. 15).

No estado de São Paulo, têm-se registros da produção de soja já em 1908 por imigrantes japoneses, mas, a partir da safra de 1944/45 é que a leguminosa começa a aparecer como uma cultura comercial. Somente a partir de 1971/72 é registrada uma produção de 100 mil hectares. No estado paulista, nota-se uma agricultura mais diversificada. Por isso, o aumento da produção de soja fora mais lento (BONATO; BONATO, 1987, p. 16).

No estado de Santa Catarina, os registros de introdução de soja são encontrados através da vinda de imigrantes do Rio Grande do Sul. No estado vizinho do Paraná, a introdução de soja se dá por agricultores gaúchos e catarinenses. A produção e a inserção da leguminosa no estado paranaense, se deu de forma imediata quando compararmos o processo de inserção com o que ocorreu no estado catarinense, por exemplo. Por isso, na década de 1970 o estado do Paraná representava grande média de produção nacional de soja (BONATO; BONATO, 1987, p. 20).

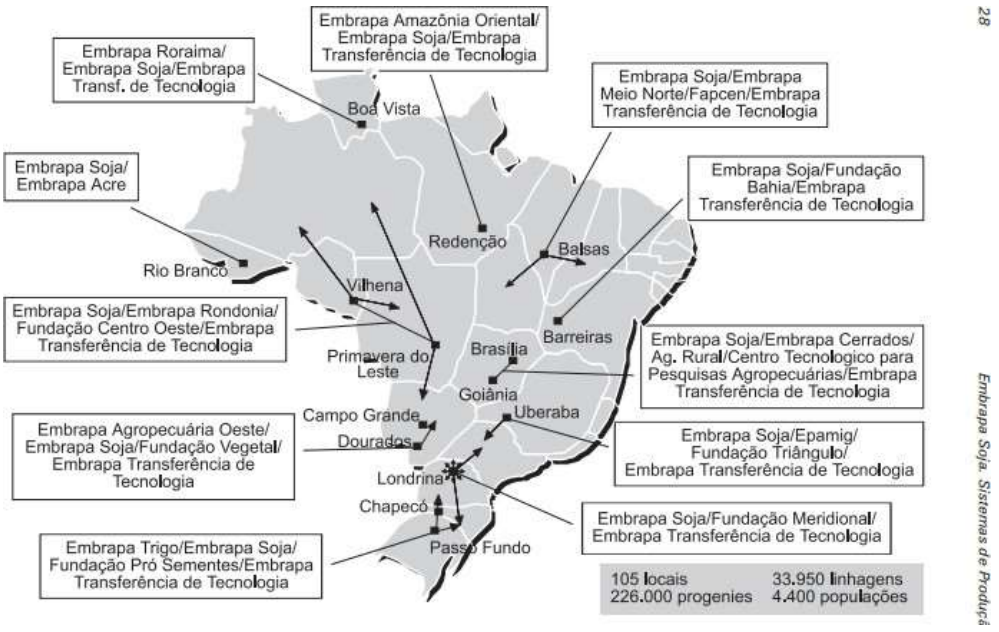
De acordo com dados lançados pelo IBGE e apresentados pela Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária, a partir da safra 1969/70 a produção de soja nas regiões do Paraná, Santa Catarina, Rio Grande do Sul e São Paulo, chega a 1.487.897 toneladas, enquanto que, nas

outras regiões, onde a leguminosa estava em expansão, como nas regiões do cerrado brasileiro, no mesmo período, a soja representa apenas 20.643 toneladas de produção. Estes estados vão atingir produções significativas apenas na safra de 1979/80 quando os números vão chegar a 2.200.620 toneladas. Nesse mesmo período, nos três estados do sul do Brasil, a produção representa 12.955.184 toneladas. As regiões mais remotas do Brasil começaram a ser abertas no

> fim dos anos cinquenta e inícios dos anos sessenta com a construção de várias estradas para ligar a nova capital Brasília a outras cidades do Sul e do Norte. Depois, outras estradas permitiram o acesso às regiões mais distantes do Centro-Oeste e do Norte (COELHO, 2001, p. 32).

A construção da capital Brasília vai representar uma série de melhorias na infraestrutura e no acesso a essas regiões. Conjuntamente, virão incentivos fiscais para a abertura de novas áreas agrícolas, aquisição de máquinas, construção de locais de armazenamento, construção de agroindústrias. O baixo valor da terra em comparação a região sul do Brasil e uma topografia adequada para a inserção de máquinas e tecnologias (EMBRAPA, 2013, p. 21), são alguns fatores que vão favorecer a expansão da cultura. Nos cerrados brasileiros a produção de soja começou a se elevar em 1979 e 1980 (COELHO, 2001, p. 32), e um dos fatores que irão favorecer a pesquisa nesses locais, são o incremento de empresas como a EMBRAPA. No quadro abaixo, é possível notar que, da sua sede em Londrina no Paraná, a empresa se estabelece em todas as áreas de interesse à produção.

Figura 2 – Áreas de estabelecimento da EMBRAPA.



28

Embrapa Soja. Sistemas de Produçã

Sistema Embrapa de Parcerias no desenvolvimento de cultivares de soja. Fonte: EMBRAPA.

De acordo com o próprio site da EMBRAPA, a empresa surge como forma de difusão do conhecimento cientifico por meio dos profissionais de extensão rural para os agricultores. Com suas sedes instaladas nos principais centros de produção, como no Oeste em Chapecó, a partir desses centros, realizavam-se pesquisas que objetivavam aumentar a produtividade, aproveitar o solo e saber manejar sua fertilidade, controlar as pragas e o manejo adequado para os diferentes biomas brasileiros.

2.1.1 Uma história da soja no Sul do Brasil

Devido às condições climáticas semelhantes as estabelecidas nos Estados Unidos da América são nos três estados da região sul do Brasil que a soja tem uma melhor adaptação. A partir da década de 1980 essa produção se expande para os Estados de Goiás, oeste de Minas Gerais, Bahia, sul do Mato Grosso e Mato Grosso do Sul.

Apenas a partir da década de 1970 observa-se um crescimento da sua produção no país (EMBRAPA, 2013, p. 14-15). Essa alta generalizada no plantio de soja a partir dos anos 1970, produziu vários impactos de ordem social e econômica no país. Apesar da grande importância econômica da soja para o Brasil, que fornece para além do grão exportado, produtos como o óleo de soja, a farinha, cosméticos, ração animal e outros que são produtos derivados da soja e que estão espalhados por ramos alimentícios, farmacêuticos- essa massificação da produção gerou impactos sobre o agricultor familiar.

A modernização da agricultura altera as relações sociais de produção. Com a modernização, o produtor visa a obtenção de lucros. A ponto que a modernização se implanta e avança, a agricultura se especializa para poucos produtores. Essa tendência em direção a monocultura, cria dificuldades as pequenas propriedades rurais e viabiliza mais a empresa rural grande e média, espaços onde irão se formar as relações capitalistas de produção (BRUM, 1988, p. 60). O processo causa a exclusão de produtores familiares e concentra a posse de terra nas mãos de grandes produtores. Ou seja, o processo de modernização, beneficiou alguns produtores, em especifico os grandes, alguns produtores sendo particularmente os de exportação e algumas regiões como a região Centro-Sul (BRUM, 1988, p. 70).

A década de 1970 é marcada pela fase de grande expansão do cultivo de soja. “A soja foi a principal cultura a receber estímulos oficiais e, em torno dela se ampliou e consolidou o

processo de modernização da agricultura"(BRUM, 1988, p. 78). Isso porque, a agricultura tradicional fora identificada como sendo um modelo atrasado e arcaico, como responsável pelo atraso do desenvolvimento nacional, o desenvolvimento do país encontrava-se nos obstáculos que o Brasil agrário impunha ao Brasil do progresso (SILVA, 2001, p. 65).

Nos três estados da região Sul do Brasil, a formação econômica tem como característica o desenvolvimento tardio e uma tardia incorporação a economia nacional. Os três Estados possuem características comuns de colonização, estas marcadas com a chegada de colonos alemães e italianos que formavam nos novos espaços habitados "economias e sociedades com fortes traços comuns: pequenas propriedades de agricultura familiar, policultura de alguns produtos básicos como feijão, milho, mandioca e trigo" (CORAZZA, 2016).

Para além da agricultura de subsistência, a colonização dos três Estados da Região Sul do Brasil, foi estimulada pelo espírito capitalista, fortemente ligado ao trabalho e à demarcação da propriedade privada. No Rio Grande do Sul e no Paraná, nota-se uma agricultura voltada ao monocultivo de soja, nos anos posteriores à colonização, ligado ao desenvolvimento rural. Em Santa Catarina, possivelmente devido ao solo irregular, o que dificultou a inserção de maquinários modernos para o plantio da soja, a agricultura familiar se desenvolve através da integração com a indústria frigorífica (CORAZZA, 2016).

A região oeste catarinense fora colonizada por habitantes sobretudo imigrantes alemães e italianos trazidos pelo governo brasileiro principalmente do Rio Grande do Sul que traziam consigo,

> uma ideia de trabalho e a expectativa de que este trabalho geraria excedentes a serem comercializados, e com isso o crescimento e o desenvolvimento da região e do país. Esses fatores, ao que parece, influenciaram o comportamento dos camponeses na sua inserção no novo espaço, nas relações que mantiveram com os outros grupos e no seu desenvolvimento social, econômico e cultural (POLI, 2001, p. 46).

Buscava-se com estes imigrantes, atender demandas da produção agrícola, e o oeste catarinense apresentava-se como "um lugar propício para o desenvolvimento da agricultura, uma importante fonte para o desenvolvimento da nação" (SILVA, 2001, p. 74-75). A agricultura era a base do desenvolvimento e, os meios para melhor firmar- se são através do uso de técnicas e tecnologias modernas, com o uso de insumos modernos, mecanização do campo, mudança de hábito dos agricultores, pois, para além de investir em mecanização e em insumos, era preciso "legitimar as vocações da região Oeste como celeiro e do agricultor como

o sujeito responsável por este processo" (SILVA, 2001, p. 69). Assim então, seria consolidado o desenvolvimento desejado da economia catarinense e do país, isso dava-se através de "discursos que procuraram legitimar a agricultura como sendo base da economia [..] e a região Oeste como Celeiro Catarinense, sendo o campo um lugar privilegiado para propiciar desenvolvimento ao país (uma espécie de mola propulsora) (SILVA, 2001, p. 63).

Com a chegada em maior número das famílias de descendentes de italianos e alemães e com a abertura de estradas, após 1940 estrutura-se na região um comércio regular para produtos agrícolas, o oeste catarinense passou então, a ser caracterizado por uma agricultura voltada à produção de excedentes, estabelecendo um contato com o mercado e organizando então a produção visando as necessidades que o comércio apresentava (POLI, 2001, p. 31). Assim, passaram a existir produtos os quais sua produção estava diretamente destinada a atender as necessidades e interesses do mercado, dentre estes, a soja.

No período pós Segunda Guerra Mundial, a agroindústria organiza a economia dos três estados da região sul: Rio Grande do Sul, Paraná e Santa Catarina. Também,

> organizou a forma de intervenção antrópica sobre a natureza, uma vez que a agroindústria alimentava-se da produção agropecuária regional e, por conta disso, estabeleceu as formas de cultivo, influenciou no aumento das áreas de produção, introduziu novas sementes e espécies animais, assim como iniciou um grande impacto ambiental (SILVA; BRANDT; MORETTO, 2017, p.203).

No Oeste Catarinense é possível notar a presença das cooperativas como meio de auxiliar os pequenos produtores com questões que abrangem problemas de crédito e produção (FORNECK; LUBENOW, 2017, p. 317). A forma como fora construída uma rede em torno da agroindústria, "exigiu o desenvolvimento de trabalhos de assistência técnica em Santa Catarina" (SILVA; BRANDT; MORETTO, 2017, p. 203). A partir de 1930, a interferência estatal no cooperativismo inicia de forma mais intensiva, incentivando a criação de novas cooperativas de produção, objetivando a modernização do campo (FORNECK; LUBENOW, 2017, p.319). Entre os anos de 1960 e 1970 com a necessidade de desenvolvimento industrial e agrícola do Brasil e o período do Governo Militar, as cooperativas de crédito não tem um desenvolvimento promissor, já para as cooperativas agropecuárias foram "quase a era de ouro" (FORNECK; LUBENOW, 2017, p. 320).

> Em Santa Catarina as primeiras iniciativas de modernização do espaço rural foram

> feitas através dos programas da Acaresc, atual Epagri. O cooperativismo, além de ser um braço governamental para executar programas de educação rural e implantação de melhorias técnicas no campo, foi inserido nesses projetos para melhor distribuir geograficamente o atendimento e desafogar a máquina pública do processo de venda da produção e repasse de crédito agrícola (no caso do Banco do Brasil) (FORNECK; LUBENOW, 2017, p.324).

A cooperativa era um instrumento usado pelo governo que fazia com que chegassem aos pequenos produtores rurais novas tecnologias e técnicas, realizando um trabalho de convencimento com seus associados (FORNECK; KLUG, 2015, p. 87). Para desenvolver o contato entre agricultores e governo, foram criados programas de extensão rural. Em parceria com as cooperativas, os técnicos da extensão rural eram importantes no sentido de que "a assistência técnica prestada a cooperativa envolvia desde os estudos preliminares para sua constituição, passando pela assistência administrativa e contábil até a comercialização" (FORNECK; LUBENOW, 2017, p. 328). Em Santa Catarina, a ACARESC fomentou o projeto de desenvolvimento da agricultura, levando crédito farto e orientação técnica para todo o Estado catarinense, visando promover um aumento de produtividade dos agricultores e difundir o modelo produtivo norte-americano (FORNECK; KLUG, 2015, p. 88-89) Aos agricultores, era prometido "o fim das pragas e aumento de produtividade dos solos que se desgastavam com o desmatamento e uso intensivo" (FORNECK; KLUG, 2015, p. 88).

As empresas químicas usavam da assistência técnica para convencer da eficácia das suas inovações. A Revolução Verde[8], também apresentou aos agricultores formas de aumentar a produtividade e reduzir o trabalho no campo. São introduzidas novas tecnologias baseadas na grande mecanização e o uso de produtos químicos que, os agricultores aos poucos se adaptam ao uso e se tornam mais dependentes (ANDRIOLI, 2016, p. 196). Com o gráfico abaixo, é possível confirmar que o aumento na produção se dá nos anos de 1960 a 1970, período que corresponde ao processo de modernização da agricultura brasileira.

[8] A Revolução Verde fomentou a criação e a difusão de novas sementes e práticas agrícolas, que acarretaram num grande aumento da produção agrícola (FORNECK. 2015, p. 76).

Gráfico – Evolução da produção de soja.

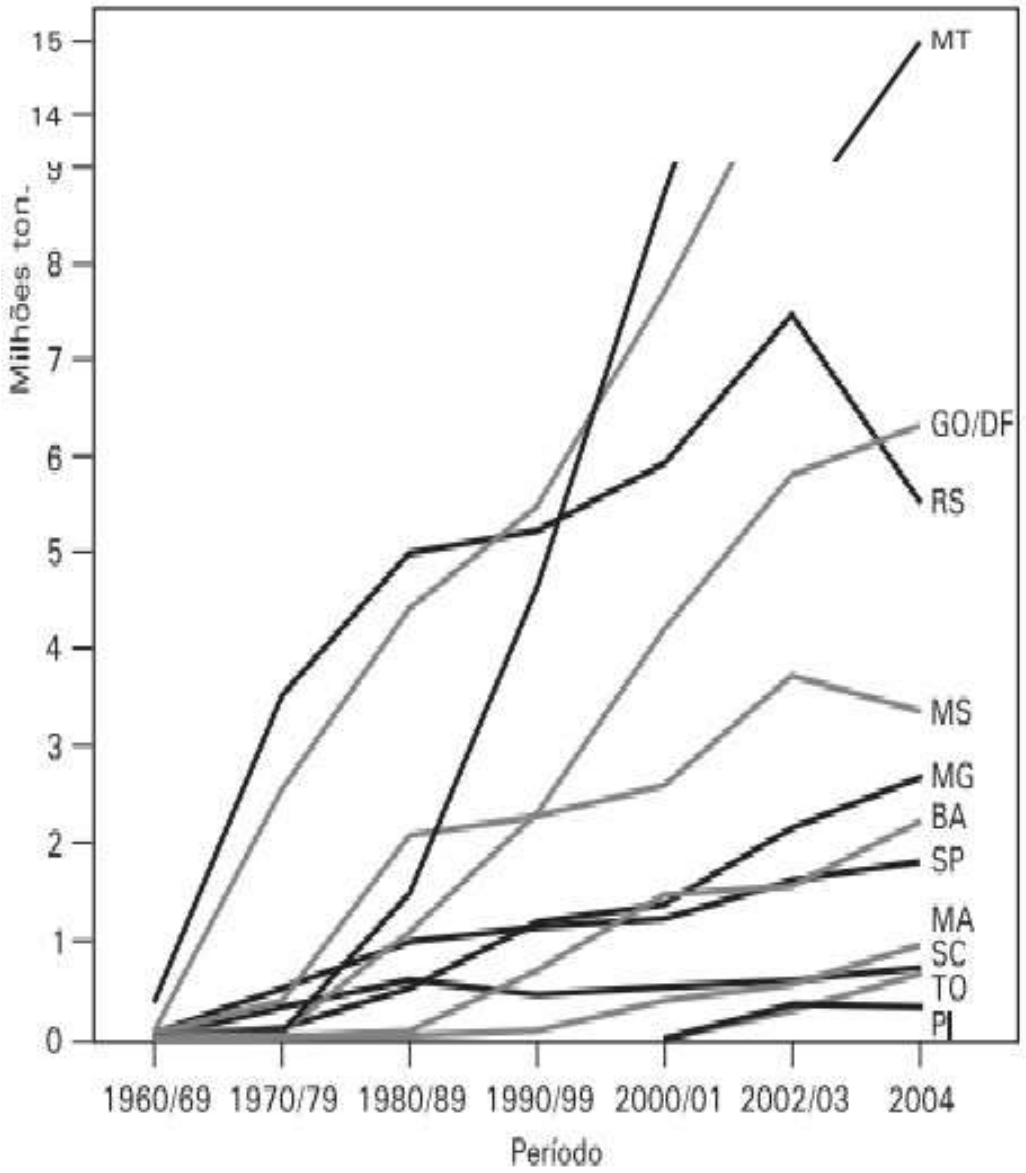


FIG. 3. Evolução da produção de soja por estado no Brasil. (Fonte: Conab)

O período de 1960/69-1970-79, corresponde a uma evolução bem elevada no cultivo de soja no Brasil. Com o passar dos anos, a produção irá ter um declínio. Então, são necessários outros métodos para obter-se maiores produções como, "os esforços científicos no campo de melhoramento genético e em outras áreas permitiram aumentar a produção de grãos e melhorar a qualidade, além de desenvolver cultivares adaptadas a produzir em quase todas as regiões do planeta" (CUNHA et al., 2015, p. 9). O gráfico mostra o aumento da produção de soja entre os anos de 1960 á 2004. Comparando a produção de 1970 com a de 2004, o crescimento da produção na região Sul do Brasil foi menor do que o crescimento da Região Central. Comparada com outras produções, a soja foi a que mais cresceu em quantidade de produção

e em áreas cultivadas.

2.1.1.1 Aumento de produtividade: a inserção da soja transgênica

Como necessidade de aumentar a produção, anos mais tarde, a semente de soja transgênica foi desenvolvida pela Empresa Monsanto como proposta de facilitação nos tratos culturais da lavoura e aumento de ganho para os produtores com redução no custo (MENEGATTI; BARROS, 2007, p. 168). No período de introdução, a Constituição brasileira impedia seu cultivo. "Em conformidade com a constituição 1988 (...) as plantas transgênicas somente podem ser plantadas e liberadas mediante a estudos e relatórios garantindo a ausência de danos ambientais"(ANDRIOLI, 2016). No ano de 2005 no Brasil é sancionada a Lei de Biossegurança que regulamenta o plantio e a comercialização das variedades transgênicas.

A diferença de soja transgênica é a resistência aos herbicidas. Com a mutação no DNA, tornando a mais resistente ao glifosato, pretende-se facilitar o controle das ervas daninhas. Segundo Andrioli 2016, p. 167, as verdadeiras causas de crescimento das ervas daninhas são ignoradas, pois a soja transgênica é projetada para superar atuais relações da natureza contra os métodos convencionais de produção e expandir a monocultura".

De acordo com Antônio Inácio Andrioli (2016), os defensores da soja transgênica argumentam na competitividade da agricultura, aumento das exportações e combate à fome. Estes argumentos juntamente com outros, foram apresentados para os agricultores. O primeiro argumento seria de que a soja resistente a herbicidas aumentaria a produtividade. O segundo é que, o volume de herbicidas diminuiria e conjuntamente os custos na produção. E o terceiro, a redução no uso de herbicidas diminuiria os danos ao meio ambiente e melhoraria a qualidade dos alimentos (p. 168).

O argumento na qualidade dos alimentos e o aumento da produtividade são os mais utilizados para se introduzir a transgenia na agricultura. Contudo, "até o momento não fora desenvolvido uma variedade de soja que fosse mais produtiva que a convencional"(ANDRIOLI, 2016). Um estudo realizado nos EUA por exemplo, apresenta que nos últimos dois anos a soja convencional teve colheitas de 5% a 10% superiores à da transgênica (JHON, 2003 apud ANDRIOLI, 2016, p. 169). "Uma hipótese levantada para a cultura da soja transgênica é a menor necessidade de mão-de-obra"(MENEGATTI; BARROS, 2007, p. 176).

No Brasil, foram introduzias variedades transgênicas contrabandeadas da Argentina. Contudo, estudos realizados com agricultores demonstram que não houve adaptação destas com o clima e o solo no estado do Rio Grande do Sul. Não houve aumento da sua produtividade, por isso, o aumento da sua produtividade só pode ser comprovado quando analisado com danos causados pelas ervas daninhas ou plantas selvagens indesejadas (ANDRIOLI, 2016). Ao mesmo tempo que o uso de herbicidas havia baixado, a economia em herbicida se perde em razão da baixa produtividade da soja geneticamente modificada (ANDRIOLI, 2016).

No capítulo a seguir, buscaremos analisar quais foram as estratégias utilizadas para fazer com que os agricultores aderissem ao cultivo da soja, substituindo a cultura que desenvolvia anteriormente. Assim como, o argumento para a introdução da semente de soja transgênica, é possível destacar que, o argumento utilizado para com os agricultores incialmente na década de 1970 para a introdução da soja, perpassa todas as questões de aumento da produtividade e, aumento do lucro com uma utilização mais frequente da terra.

3 SOJA: ESTRATÉGIAS DE ADESÃO AO CULTIVO DA LEGUMINOSA NO OESTE CATARINENSE

Neste capítulo será proposto descrever a análise que fora realizada a partir da leitura da fonte, o Jornal da Produção que corresponde aos anos de 1973 a 1978. Com a análise da fonte, buscou-se chegar ao objetivo do que levou e como foram utilizadas estratégias para o agricultor aderir ao plantio da soja. Como o aumento da produtividade e o desenvolvimento da agricultura estava associado à "dobradinha de ouro", ou seja, o binômio soja-trigo. Como era utilizado também, o argumento da fome para ter-se um aumento na produtividade e mais utilização do solo por parte dos agricultores.

O Jornal da Produção foi criado com o objetivo de ser o primeiro jornal rural do Estado de Santa Catarina. Com isso, queria informar o agricultor, ao técnico e a todos que estivessem ligados com a produção de alimentos. O jornal começou a circular em 1973 editado pela OCESC (Organização das Cooperativas de Santa Catarina) e com apoio da Associação de Engenheiros Agrônomos de Santa Catarina (Aeasc), Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina (Acaresc). Em suas páginas, visava informar a todos sobre os fatos mais importantes da agropecuária catarinense. Por isso, suas edições circulavam em: cooperativas, sindicatos, prefeituras, agências de bancos, técnicos ligados à extensão rural, à pesquisa, secretarias de agricultura, ministério da agricultura, empresas, universidades. Sua sede estava localizada em Florianópolis-SC, circulou entre 1973 a 1980 em todo o Estado de Santa Catarina, com edições mensais que visavam à extensão rural. A maior parte das edições é assinada por Francisco da Cunha Silva e conta com a participação escrita dos Engenheiros Agrônomos. O jornal se qualifica como o órgão de divulgação e promoção do movimento associativista catarinense (JORNAL DA PRODUÇÃO. 1975, p. 4).

3.1 A busca do progresso: o desenvolvimento e a produtividade na produção de soja

Quando nos aprofundamos nas análises das estratégias para o convencimento dos agricultores aderirem ao cultivo de soja, a palavra que é mais corriqueira nas noticiais do jornal entre 1973 e 1978 é desenvolvimento. A discussão que perpassa por esse tópico é o de assistência técnica e a implantação de modernas cooperativas. Como é destacado no Jornal da Produção no ano de 1973

> Há cerca de 4 ou 5 anos, o Norte catarinense se destacava no que tange ao setor primário apenas na produção de erva mate. Hoje em dia em função de um trabalho de assistência técnica à agricultura, envolvendo desde a produção de cereais até a implantação de modernas cooperativas agropecuárias, a região Norte já aparece como grande produtora de trigo, soja, batatinha e feijão (n9. 1973).

As medidas governamentais e facilidades de crédito como colocado no primeiro capítulo, através de um trabalho de assistência técnica, possibilitaram um aumento na produção. Por isso, entre 1971 a 1973, foi possível um aumento considerável na produção de soja. Constatando ainda a presença de tratores e uma moderna tecnologia agronômica com a presença de uma cooperativa grande produtora de sementes.

A orientação técnica, aumentou significativamente a produção de soja. Através dos engenheiros agrônomos, colocava-se a opção aos produtores, para produzirem de forma mais moderna e tecnológica, aumentando-se a produção e a produtividade. Uma estratégia utilizada pelos responsáveis da assistência técnica, eram as lavouras demonstrativas. Com as lavouras demonstrativas, buscava-se demonstrar ao agricultor, que uma roça que cultivava nos moldes modernos a semente de soja, por exemplo, produzia acima dos números que eram apresentados em uma que seguia as formas de plantio rotineiras.

Essas lavouras demonstrativas que eram acompanhadas pelos serviços de extensão rural, serviam para a demonstração de como utilizar métodos mais modernos de produção. Portanto, eram observadas pelos agricultores que viam de perto cada etapa dos processos desenvolvidos pelos Engenheiros Agrônomos. O Jornal da Produção de 1973, traz na sua manchete: Um método que convence, a tabela demonstra os resultados que foram obtidos nas lavouras demonstrativas em comparação aos resultados que se tem das lavouras tradicionais em Santa Catarina na safra de 1972-1973.

Tabela 3 – Comparativo entre os resultados nas lavouras demonstrativas e tradicionais.

Culturas	Rendimentos (kg/há) Lavoura demonstrativa	Lavoura Tradicional	Aumento na produção devido a técnica (kg/há)	Lucro Líquido (Cr$/há) Lavouras demonstrativas	Lavoura Tradicional
Milho	5.534	2.123	3.411	865,32	290,59
Arroz	4.114	2.064	2.050	1.207,42	350,32
Soja	2.553	1.287	1.266	1.519,66	917,04
Feijão	1.540	900	640	868,20	678,00

Fonte: Jornal da Produção 1973.

A tabela mostra um alto rendimento que se obtinha por hectare nas lavouras demonstrativas. Para além de um menor desgaste físico dos agricultores, com a utilização de métodos mais modernos, o quadro traz resultados econômicos. O aumento do lucro líquido na utilização de técnicas mais modernas, no caso da soja chegava a Cr$ 602,62 por hectare. Esse método de modernização da agricultura aumentando a sua produtividade, perpassa por um ponto essencial, a recuperação dos solos agrícolas.

De acordo com informações descritas no Jornal da Produção, o aumento do desenvolvimento começou desde que foram lançadas campanhas de fertilidade do solo. A partir desse momento, o produtor passou a produzir com novas tecnologias, custos menores e obtiveram melhores resultados na sua renda. "A família rural melhorando seu nível social passou a consumir mais", de acordo com a notícia do Jornal da Produção do ano de 1975, quando a família rural passou a produzir mais, o comércio e a indústria cresceram também, um exemplo é,

> O município de Videira, comparativamente a sua população, é o segundo maior consumidor de combustível do país (segundo a revista transporte moderno). Este índice é facilmente compreensível verificando-se o grande número de veículos da região centralizada em Videira. O agricultor, nos últimos anos passou a adquirir veículos automotores em massa. Basta lembrar Videira o que era a rua do comercio e imediações em 1969 as segundas e sextas feiras e comparar com os mesmos dias de semana agora em termos de veículos. Mais significativa ainda é a contribuição da região em produção de alimentos. São industrializados diariamente nas duas industrias sediadas na região. (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1975, p. 4)

Com a recuperação e o trabalho de fertilização do solo, visavam-se obter maiores lucros e, consequentemente, aumentar a produtividade das terras. Uma estratégia de convencimento utilizada para com os agricultores do Oeste Catarinense, foi realizada pelo Conselho Regional de Desenvolvimento do Oeste Catarinense- CRD[9], o mesmo, patrocinou um concurso de Produtividade Agrícola de soja e milho. O concurso visava premiar "os agricultores e empresários rurais que conseguiram as maiores colheitas, no mesmo espaço de terra" (Jornal da Produção. 1974. n16).

Com a iniciativa, se demostrava para os agricultores tanto que participavam do concurso ou aqueles que não participaram, que a produtividade seria maior em lavouras modernas que buscavam o desenvolvimento da agricultura. Tratando-se de números, o Jornal traz o dado de que uma lavoura nesses moldes, produziu sete vezes mais sacos de soja, do que uma lavoura tradicional.

Estes órgãos, cooperativas, secretárias de agriculturas, se dirigiam aos agricultores por meio dos clubes 4-S[10] ou por meio de sindicatos para que fosse realizado um esforço afim de aumentar a produtividade de soja no Estado de Santa Catarina. Os dados apresentados no Jornal da Produção de 1975, mostram que o Estado Catarinense tinha capacidade de produzir mais, já que, comprava-se soja dos Estados vizinhos do Rio Grande Do Sul e do Paraná. A produção de soja era de 460.000 mil toneladas por ano e, a capacidade instalada para a industrialização era de 720.000 mil toneladas por ano. Para o ano de 1975, objetivava-se aumentar a produção de 400 para 500 mil toneladas. Para isso, eram fornecidos subsídios aos agricultores como: garantia de preços mínimos, preços de sustentação, empréstimos no Banco do Brasil.

O desenvolvimento da agricultura e o aumento da produtividade estavam ligados a utilização de novas técnicas de plantio e a uma modernização da agricultura. Quando eram dados subsídios para o agricultor produzir mais, o mesmo investiria mais na propriedade. Na figura 5 é possível ver como o desenvolvimento da agricultura e o aumento da produtividade estavam ligados com a utilização de tecnologias modernas.

---

[9] Órgão criado por lideranças para promover e estimular o desenvolvimento do Oeste Catarinense.

[10] A sigla significa: Saber, Sentir, Servir e Saúde. O clube tinha por objetivo a Extensão Rural para a juventude rural no Brasil. De acordo com SILVA (2001), os clubes tem como matriz os 4-H Clubs norte-americanos, que desenvolveram seus trabalhos desde o início do século XX nos Estados Unidos. No Brasil, foi adotado a partir da década de 50, pela antiga ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), e por suas afiliadas. Em Santa Catarina, a implantação destes trabalhos ficou a cargo da ACARESC (Associação de Crédito e Assistência Rural de Santa Catarina), que durante sua existência procurou introduzir técnicas e tecnologias "modernas" aos agricultores do Estado. Os Clubes 4-S estiveram inseridos nas estratégias de modernização da produção agrícola brasileira, e tiveram seu auge em Santa Catarina após a segunda metade da década de 70 (p.64).

Figura 5 – Maior produtividade do trabalho do agricultor promoverá um aumento de 2 milhões de toneladas de cereais.

DEZ ANOS DE MUDANÇA

PARA O PRÓXIMO QUINQUÊNIO SANTA CATARINA PRETENDE AUMENT
SUA PRODUÇÃO DE CEREAIS EM 5 MILHÕES DE TONELADA
PARA TANTO MOBILIZARÁ UM MILHÃO DE HECTAR
MOTOMECANIZÁVEIS E AUMENTARÁ O RENDIMENTO DAS LAVOURA

Maior produtividade do trabalho do agricultor promoverá um aumento de 2 milhões de toneladas de cereais.

O aproveitamento de novas áreas responderá pelo incremento de 3 milhões de tonela na produção agrícola.

Fonte: Jornal da Produção. Edição n12. 1974

Na figura, com a manchete de "dez anos de mudança", vemos que numa primeira imagem encontram-se duas pessoas desenvolvendo uma agricultura tradicional. Com o uso de arrado, utilização de animais, um trabalho mais braçal das pessoas e a presença da mata ao redor da plantação. Na segunda imagem, é possível notar a presença de um equipamento moderno, o trator e a ausência da floresta que já fora destruída pela modernização e pelos caminhos traçados pelo trator. O discurso utilizado por alguns grupos humanos de dominar tecnologicamente a natureza, transformando-a em um espaço de produção de alimentos "era considerar positivamente o papel de planejamentos econômicos como marca do desenvolvimento e do progresso" (MORES, KLANOVIZC, p. 9. 2017).

3.1.1 Dobradinha de ouro: o binômio soja-trigo e a utilização do solo, a soja no combate a fome

Para se aumentar a produtividade e dar início ao processo de modernização da

agricultura, acompanhava-se um trabalho de assistência técnica, processo de seleção de sementes, combate a pragas e uma tecnologia de conservação e recuperação dos solos agrícolas por meio de uma rotação de culturas.

Como destacado no primeiro capítulo, no Brasil a soja surge como uma cultura para suceder a plantação de trigo. Posteriormente, ela irá ocupar mais espaços nas plantações, e até superar o trigo. Por ser uma cultura de sucessão ao trigo, fazia uso até da adubação e das máquinas. Essa rotação entre ambas culturas, era propagada inclusive por técnicos agrícolas para que os agricultores tivessem maiores lucros nas plantações e possivelmente, fizessem uso da terra com mais intensidade (duas vezes ao ano), já que o trigo é plantado no inverno e a soja no verão. "Adubação nitrogenada, aproveitamento de diferentes camadas do solo, combate de pragas e doenças, conservação do solo e outros" (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1975, p. 4) são alguns dos benefícios apresentados pela leguminosa, além de preços favoráveis no mercado internacional que, facilitaram para o crescimento da produção. A propagação desse discurso se da 1950, e é "apropriado politicamente pelo planejamento econômico e tecnocrático da agricultura" (KLANOVICZ, MORES, 2017, p. 11).

Aumentar a produtividade e reduzir os custos, eram umas das características que incentivam a "dobradinha de ouro". Assim, fora chamado o casamento bem-sucedido entre o trigo e a soja. A rotatividade de cultivo era incentivada pelos técnicos, no caso do trigo e da soja, uniu-se o útil ao lucrativo. "além da leguminosa apresentar vários benefícios, [...] ela permite plena utilização do valioso capital terra" (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1975, p. 4).

> Em 1972 foram gastos pelos agricultores catarinenses 172 mil toneladas de calcários e 25 mil toneladas de adubos, recuperando a fertilidade de 25 mil hectares de terras. [...] A utilização de calcário e adubo aliada a outras recomendações técnicas como combate a erosão, uso de boa semente, irrigação e drenagem, controle de pragas, doenças e inços, "stad" perfeito e época de semeadura certa proporcionaram altos rendimentos por hectare. [..] Comparando esses dados com os rendimentos médios do Estado, podemos constatar aumentos de 170%, 215% e 115% em relação ao milho, soja e arroz respectivamente, provocados pelo uso de tecnologias recomendadas. [...] Os 30 mil hectares de terras recuperadas em sua fertilidade apresentaram um aumento total de 80.800 toneladas de milho, soja e arroz. [..] A renda líquida total dos agricultores que recuperaram suas terras, mostra que eles estão 14,4 milhões de cruzeiros mais ricos que no início de 1972. [..] É efetivamente o dinheiro a mais que ficou no bolso do agricultor e que poderá ser gasto ou em investimentos para aumentar sua empresa rural, ou para lhe proporcionar melhor habitação, vestuário, alimentação, saúde, educação e lazer. [...] É fundamental que o número cada vez maior de agricultores e mais rapidamente sigam esse exemplo para obterem os mesmos resultados, contribuindo dessa forma para a o desenvolvimento do País (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1973, p. 2).

A rotação entre as culturas, proporcionava uma maior utilização do solo e maiores rendimentos por hectare. Através de um trabalho de assistência técnica acompanhado pelo uso

correto de tecnologias recomendadas pelos engenheiros agrônomos, como é destacado na notícia do Jornal da Produção, se consolidava uma renda maior aos agricultores que seguiam as recomendações. Com o aumento da renda familiar, possibilitava que os produtores rurais investissem tanto nas próximas produções como também para seu bem-estar com: habitação, roupas, alimentação e lazer.

A rotação entre as duas culturas também, visava recuperar prejuízos sofridos em determinadas safras. Por exemplo, no ano de 1973, os agricultores da cidade de Campo Erê no Oeste Catarinense, procurando recuperar os prejuízos que sofreram na lavoura de trigo, plantaram 3.150 hectares com soja dentro da moderna tecnologia de recuperação do solo, e com isso, esperam colher mais de 80.000 sacas (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1973, p. 6).

O aumento dos processos de modernização da agricultura era intensificado como forma de combater a fome no mundo e aumentar o bem-estar das populações rurais (SILVA, 2009, p. 55), assim como noticiado pelo Jornal da Produção onde, o aumento da produtividade era uma forma de superação do problema mundial de falta de alimentos. A diferença entre o aumento da população mundial e a disponibilidade de alimentos na década de 1970 tinha um aumento gradativo. Além de haver pouca disponibilidade de alimentos, ainda se considera uma alimentação deficiente com poucos nutrientes. De acordo com o jornal, a luta contra a fome está na consciência de melhor aproveitar a terra e sua fertilidade, considerando que a terra é utilizada em pequena escala.

Para combater a fome, o argumento apresentado no Jornal da Produção como papel dos Engenheiros Agrônomos, se repete e está associado aos argumentos de incentivos à produção de soja que já foram apresentados anteriormente. É possível notar, que os argumentos estavam interligados, por exemplo, para combater a fome, era necessário alcançar índices maiores de produtividade. Para se alcançar tais índices, necessitava-se de bases tecnicamente estabelecidas. As bases tecnicamente estabelecidas pelo jornal, seriam o aumento da fertilidade do solo.

Também, como destacado no tópico anterior, neste contexto, se apresenta a importância de condições favoráveis de mercado, de preço e de financiamentos para estes agricultores, o que lhes proporcionava condições de produção. Daí, a importância das autoridades que, se "dispõem a estimular a produção interna com preços que, se ainda não são mais compensadores tendem a isso" (JORNAL DA PRODUÇÃO. 1975, p. 3).

De acordo com o jornal, o papel do Engenheiro Agrônomo no processo de desenvolvimento da agropecuária, tende a se tornar mais expressivo à medida que vão aumentando as necessidades de alimentos no mundo (JORNAL DA PRODUÇÃO. 1975, p. 10).

Nesse sentido, o Jornal destaca a importância do técnico, juntamente com os agricultores que, lutam, diariamente, com a terra para se produzir alimentos suficientes para o país.

De acordo com os dados apresentados no Jornal da Produção, em 1975, 80% da soja foi comercializada e 20% destinada à alimentação humana, animal e para sementes, 57% da soja comercializada foi adquirida pelas indústrias; 28% pelas cooperativas e 15% por comerciantes. Apesar do alerta e do destaque da importância da soja para a alimentação humana, devido ao fato da soja ser rica em proteínas, o Jornal traz um alerta de que, a semente está sendo comercializada como produto de consumo devido, principalmente, os altos preços oferecidos, contudo:

> A comissão estadual de sementes e mudas de Santa Catarina, ao tomar conhecimento que a soja destinada a semente está sendo comercializada como produto de consumo (face aos altos preços oferecidos) e no sentido de salvaguardar o interesse dos agricultores e do estado apela alerta:
> 1- Para os órgãos de assistência técnica, cooperativas e sindicatos, sensibilizarem os agricultores a não comercializar a soja destinada a semente como produto de consumo.
> 2- Que as cooperativas paguem aos produtores de sementes de soja preços competitivos compensadores evitando desta forma seus desvios para consumo.
> 3- Que mostrem aos agricultores produtores de sementes os malefícios desta pratica pois, originará falta de sementes para a próxima safra, redundando em prejuízo para os agricultores e em consequência para a economia do estado. (Jornal da Produção, ano, pág.).

É possível notar que, por mais que fosse realizado um discurso da importância da soja para o combate à fome, por outro lado, através do Jornal, com auxílio da assistência técnica, das cooperativas e sindicados, buscou-se sensibilizar que os agricultores não destinassem para consumo a soja que era destinada para a semente. Como forma de convencer os agricultores, se alegava que o prejuízo voltaria para os mesmos, mesmo que os preços oferecidos fossem melhores, acabaria também, prejudicando a economia do estado.

3.1.1.1 O mercado está a favor: preço e exportação

O jornal da Produção de 1974 no seu número 14 destaca a notícia: “Soja: o preço da euforia!” A notícia destaca uma fazenda: “A “fazenda Sargento”, de sua propriedade, estava com a quase totalidade de seus 728 hectares cobertos de campos infestados de plantas espontâneas. Aquele mesmo campo nativo, considerado “imprestável” chegou a produzir 50 sacas de soja por hectare! Para operar essas transformações, Vigano cumpriu a orientação técnica do agrônomo de Campo Erê [...]. Um projeto de financiamento [...] foi elaborado pelo técnico e, com os recursos [...] aplicado na compra de um trator de 95 HP [...]. O solo foi devidamente preparado [...]. Com o terreno semitrabalhado, foi possível passar uma grande

niveladora bem como aplicar o calcário e o adubo para a recuperação da fertilidade daquele solo empobrecido e desvalorizado.” (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1974, p. 6).

A notícia destacada do Jornal da Produção, continua a reportagem, destacando que o agricultor cultivou 150 hectares dentro da moderna tecnologia de produção e, se os preços melhorarem, pretende-se plantar 300 hectares. O Jornal segue destacando que, assim como este fazendeiro, outros também estão destruindo pastagens nativas e derrubando o que resta do mato para cultivar a soja.

O jornal destaca que todos produtores esperavam lucros imediatos e fabulosos. “Para se ter uma ideia do boom, basta dizer que, em menos de um ano, o preço da tonelada de soja no mercado internacional passou de 120 para 600 dólares.” (JORNAL DA PRODUÇÃO, 1974, p. 6). É possível analisar que, todos os argumentos de incentivo ao agricultor para produzir soja perpassavam os mesmos aspectos. Inicialmente a realização de financiamentos para fazer os investimentos em máquinas, insumos e sementes selecionadas. O acompanhamento de uma assistência técnica para se produzir nos moldes de uma moderna rotação de culturas que recuperasse a fertilidade dos solos para então, obterem-se melhores resultados nas plantações e colheitas. Para finalizar, um bom preço seria fundamental para incentivar os agricultores a produzir mais nas safras posteriores.

Conjuntamente com isso, aumentavam-se as expectativas de exportações. A exportação da soja trazia além do reconhecimento do Brasil perante outros países, uma boa renda para os produtores e a garantia da recuperação da economia nacional. Como destacado pelo Jornal da Produção, em 1975 o Brasil se sagrou como o segundo produtor mundial de soja com 17,54% da produção mundial.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho buscou demonstrar como o Jornal da Produção foi importante para criar-se uma representação da soja. Quando analisamos o processo de inserção da soja nos estados vizinhos como o Paraná, percebemos que os jornais também publicavam reportagens sobre a produção de soja e como esta cultura era rentável e lucrativa. Nesse sentido, os jornais quando apresentavam reportagens sobre a produção de soja ou sobre o grande rendimento quando eram adotadas determinadas práticas de cultivo, mostravam os interesses de determinados grupos. Esses grupos legitimavam a soja como sendo a cultura agrícola adequada à modernização do meio rural (KLANOVICZ; MORES. 2014, p. 184).

No primeiro capitulo buscamos demostrar, como a soja consolidou o processo de modernização da agricultura, devido ao fato de ser um produto fortemente agroindustrial. Por isso também, fora muito beneficiada nas políticas que visavam o fornecimento de crédito para os agricultores. As políticas de crédito e de garantia de preços mínimos oferecidas pelos governos, foram essenciais para promover o processo de inserção da soja na economia nacional.

Para dinamizar o contato dos agricultores com o governo, foram criados juntamente com as cooperativas, programas de extensão rural. Os técnicos de extensão rural eram personagens fundamentais no processo de convencimento dos agricultores. Através dos técnicos, chegavam aos agricultores modernas formas de produção. Muito se era demonstrado aos agricultores por meio dos campos demonstrativos. Através da demonstração, buscava-se mostrar na prática aos agricultores, como uma produção mais moderna e com maiores tecnologias, produzia mais do que uma lavoura tradicionalmente cultivada.

Além de convencer o agricultor de sua potencialidade de produção, era necessário propagar discursos que legitimavam a agricultura como sendo a base da economia e, que por meio dela seria possível desenvolver o país. No caso do Oeste Catarinense, buscou-se propagar um discurso da região como sendo um grande centro de produção de sementes, o Celeiro. O campo seria então, o espaço adequado para o desenvolvimento regional.

A modernização da agricultura alterou as relações sociais de produção. A partir da expansão da moderna forma de cultivar, o agricultor buscava a obtenção de lucros. Contudo, essa forma de produzir, vai ser especializada para poucos produtores. A tendência na direção do monocultivo, viabiliza propriedades rurais de grande ou médio porte, as quais estão na tendência capitalista de produção.

No segundo capítulo buscamos demostrar como o Jornal da Produção buscou convencer

seus agricultores a cultivar a soja, substituindo, então, a cultura ou as culturas que desenvolviam anteriormente. Por mais que o jornal fora desenvolvido por cooperativas e escrita por engenheiros agrônomos, o mesmo visava a extensão rural e, através da difusão em diversos pontos como: prefeituras, universidades, cooperativas, sindicatos... o mesmo chegava até o agricultor, seja por meio do periódico em si ou seja por meio dos técnicos de extensão rural que além de apresentar ao agricultor novas formas de cultivo, buscavam realizar demonstrações ao mesmo.

Podemos perceber que, o que levou muitos agricultores ao cultivo da soja fora um conjunto de estratégias, propagadas por engenheiros, governos, cooperativas ou seja, pelos grupos que tinham interesses econômicos. Aos agricultores eram fornecidos subsídios como: garantia de preços mínimos, preços de sustentação, empréstimos em bancos.

Acompanhado de um trabalho de assistência técnica, buscava-se o desenvolvimento da agricultura, aumento da produtividade e, aumento da utilização do solo pelo binômio soja-trigo. Contava-se também, com preços e um mercado a favor da exportação para completar o conjunto argumentos favoráveis ao cultivo da leguminosa.

Para o desenvolvimento e a modernização da agricultura era necessário ter um aumento da produtividade. Para aumentar-se a produtividade, era necessário utilizar técnicas mais modernas de plantio, como a utilização da conservação e recuperação dos solos agrícolas por meio do binômio soja-trigo. Através da difusão de técnicas de cultivo, buscava-se a recuperação, conservação e melhor aproveitamento da terra. Com o aumento da produtividade e aproveitamento melhor da terra, argumentava-se o combate a falta de alimentos no mundo. Para aumentar a produtividade, desenvolver a modernização da agricultura obtendo melhores equipamentos e insumos, era fundamental ter-se preços favoráveis. Quando o preço era favorável, possibilitava ao agricultor fazer uma boa venda e, investir além de no seu bem-estar, na próxima safra consequentemente, para ter-se mais resultados favoráveis. Conjuntamente a isso, além da recuperação da economia nacional, era possível o Brasil ser reconhecido mundialmente como grande exportador de soja.

Na análise do Jornal, é perceptível que o técnico que prestava assistência técnica ao agricultor, tinha influência sobre o que ele plantaria ou como venderia seu produto. Por mais que fora realizado todo um trabalhado de convencimento para com os agricultores, muitas vezes, era na soja que o produtor rural via uma maneira de ter uma vida melhor, com isso, como era apresentado no jornal, pedia-se aos técnicos ou engenheiros agrônomos que conscientizassem esse produtor para não vender somente visando seu interesse econômico pessoal mas sim, ao interesse que era propagado pelos grupos.

REFERÊNCIAS

ANDRIOLI, A. I. **Soja orgânica versus soja trangênica**: um estudo sobre tecnologia e agricultura familiar no noroeste do Estado do Rio Grande do Sul. Chapecó: UFFS, 2016. 362 p. ISBN 978-85-64905-40-5.

BONATO, E. R.; BONATO, A. L. V. A soja no Brasil: História e Estatística. **EMBRAPA**, CNPSo, Londrina-PR, p. – 61, 1987a. ISSN 01015494. Acesso em: 17/04/2019.

BONATO, E. R.; BONATO, A. L. V. A soja no Brasil História e Estatística. **Empresa Brasileira de Pesquisa Agropecuária-EMBRAPA**, Londrina-PR, 1987b. ISSN 01015494. Acesso em: 08/05/2019.

BRUM, A. J. **Modernização da Agricultura**: Trigo e Soja. Petrópolis-RJ: Vozes Ltda, 1988. 200 p.

CHARTIER, R. **A história cultural**: entre práticas e representações. Rio de Janeiro: Ed.Bertrand Brasil, 1990.

COELHO, C. N. **70 anos de Politica Agrícola no Brasil (1931-2001)**. Brasília - DF: Revista de Política Agrícola, 2001.

CORAZZA, G. Fronteira Sul: traços da formação econômica. In: RADIN, J. C.; VALENTINI, D. J.; ZARTH, P.A. (org.). **História da Fronteira Sul**. 2016. ed. Chapecó: UFFS, 2016. cap. 14, p. 298 – 318. ISBN 978-85-64905-42-9. Acesso em: 22/05/2019.

CUNHA, D. da S. et al. Soja para consumo humano: breve abordagem. **AGRARIAN ACADEMY**, Centro Científico Conhecer, Goiânia, v. 2, n. 03, p. – 102, 2015.

EMBRAPA. Tecnologias de Produção de soja. **EMBRAPA soja**, Londrina-PR, n. 5, p. – 224, Outubro 2013. ISSN 16778499.

FORNECK, E.; KLUG, J. A difusão dos agrotóxicos como tecnologia benéfica ao agricultor: o papel das cooperativas agropecuárias*. p. 84 – 110, 2015.

FORNECK, E.; LUBENOW, A. M. Cooperativismo, modernização agrícola e desenvolvimento econômico no oeste catarinense. In: CARBONERA, M. et al. (Ed.). **Chapecó 100 anos história plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 315 – 356. ISBN 978-85-7897194-6.

KLANOVICZ, J. MORES, L. A sojização da agricultura moderna no Paraná, Brasil: Uma questão de história ambiental. In: **Fronteiras: Journal of social, technological and evironmental Science**. [S. I: s.n]. 2017. (maio-ago,2), p. 240-263. ISBN 2238-8869240.

LUCA, T. R. de. Fontes impressas: história dos, nos e por meios dos periódicos. In: PINSKY, C. B. (Ed). **Fontes Históricas**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2008.

MENEGATTI, A. L. A.; BARROS, A. L. M. de. Análise comparativa dos custos de produção entre soja transgênica e convencional: um estudo de caso para o Estado do Mato Grosso

do Sul. **Revista de Economia e Sociologia Rural**,

scielo, v. 45, p. 163 – 183, 03 2007. ISSN 0103-2003. Disponível em: http://www.scielo.br/scieloOrg/php/articleXML.php?lang=en&pid=S0103-20032007000100008.

POLI, O. L. Camponeses no Oeste Catarinense. **Cadernos do CEOM**, Chapecó, p. 12 – 79, Dezembro 2001. ISSN 2175-0173.

PUNDEK, M. Santa Catarina recupera solos agrícolas. **Jornal da Produção**, Florianópolis, n. 3, p. 2 –, Abril 1973.

SILVA, C. M. da. Agricultura e cooperação internacional: a atuação da Americam International Association for economic and social development (AIA) e os programas de modernização no Brasil (1946-1961). 2009. 226 p. Tese de Doutourado (História das ciências e da saúde)- Casa de Oswaldo Cruz- FIOCRUZ. Rio de Janeiro.

SILVA, C. M. da. Modernização da agricultura e difusão dos clube 4-S no Oeste Catarinense (1970-75). **Cadernos do CEOM**, Chapecó, p. 63 – 79, Dezembro 2001.
ISSN 2175-0173.

SILVA, C. M. da. Modernizar é preciso. Pensamento social e mudança no Brasil rural (1944-1954). **Iboamericana**, p. 195 – 209, 2017.

SILVA, C. M. da; BRANDT, M.; MORETTO, S. P. Transformando a paisagem: uma história ambiental de Chapecó. In: CARBONERA, M. et al. (Ed.). **Chapecó 100 anos história plurais**. Chapecó: Argos, 2017. p. 181 – 215. ISBN 978-85-7897194-6.

WORSTER, D. Para fazer História Ambiental. **Revista Estudos Históricos**, Rio de Janeiro, v. 4, n. 8, p. 198 – 215, 1991.

FONTE

Jornal da Produção, Florianópolis, – 1973- 1978.